

GEOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO CIDADÃ: CAMINHOS E/OU APONTAMENTOS QUE LEVEM O ALUNO A PENSAR E FAZER

Josefa Eliane de Aquino

Graduanda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e integrante do Núcleo de Estudos Agrários Regionais (NuGAR)

eliane.aquino29@yahoo.com

Francisco Alves da Costa Neto

Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e integrante do Núcleo de estudos agrários regionais (NuGAR)

Fcoalves258@hotmail.com

Álison Jarbas da Silva Leite

Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)

Alisson_jarbas@hotmail.com

Resumo

A Geografia durante muito tempo se comportou como uma disciplina escolar tradicional e limitada, lembrada sempre pela descrição da terra e/ou por seu caráter conteudista. Para alguns, aprender Geografia seria apenas decorar o nome das capitais e dos países. Diante desse cenário, os conteúdos têm sido repassados para os alunos, sem preocupação com a capacidade de interpretá-los, analisá-los ou até mesmo entender por que tais conteúdos estão sendo trabalhados em sala de aula. O objetivo deste trabalho é, através de leituras bibliográficas, fazer uma reflexão acerca do papel da disciplina de Geografia para a formação de um *ser* cidadão crítico e consciente. Uma Geografia que impulse os alunos a não se contentar com respostas prontas e acabadas e que procurem conhecer, analisar e se posicionar perante o entendimento sobre a realidade. Alunos que pensam e atuam dentro do contexto ao qual estão inseridos.

Palavras-chave: Geografia. Cidadão consciente. Pensar-fazer.

INTRODUÇÃO

Vivemos na época dos grandes avanços científicos, das novas descobertas e do acúmulo de saberes. No entanto, educar nunca foi tão difícil. “O mundo se apresenta a nós,

aos nossos alunos futuros professores e aos alunos desses, diariamente de uma maneira tão fragmentada que nos sentimos inseguros diante da realidade” (REFFATTI, 2007, p. 67).

Sendo assim, faz-se necessário pensar o ensino de Geografia que vá além de uma simples descrição, e sim, uma Geografia capaz de fazer com que os seus alunos transformem as informações adquiridas em sala de aula em conhecimento. Mais do que isso, uma Geografia que leve seus alunos a pensar e compreender seu papel na sociedade.

A importância da Geografia [...] está relacionada com as múltiplas possibilidades de ampliação dos conceitos da ciência geográfica, além de orientar a formação de um cidadão no sentido de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, reconhecendo as contradições e os conflitos existentes no mundo (BRSIL, 2006, p. 44).

“É necessário pensarmos a geografia que queremos trabalhar em sala de aula e se essa geografia vai ou está influenciando a formação do educando, do homem cidadão, diante da modernização do trabalho e das mudanças constantes no espaço (OLIVEIRA, 2009, p. 1)” Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é refletir sobre o papel da Geografia enquanto disciplina que forma seres pensantes capazes de receber criticamente aquilo que lhe é repassado. Seres que não são alheios a sua realidade.

1 UMA GEOGRAFIA QUE LEVA O ALUNO A PENSAR

A geografia tem uma grande, e por que não dizer, difícil tarefa dentro do processo de ensino e aprendizagem. Seus professores não podem, e nem deve resumir suas aulas apenas na reprodução de conteúdos, sem que haja uma preocupação com a capacidade de interpretá-los, analisá-los ou até mesmo entender por que tais conteúdos estão sendo trabalhados. Não que os conteúdos não devam ser ensinados, mas, é preciso ir além.

O papel do professor para a formação do aluno crítico é desafiador. Deve se pautar na postura político-profissional que contrarie os interesses de determinada minoria político-ideológica dominante, que a todo o momento tenta impor suas ideias para a maioria da população. Caso tal desafio não seja lançado, os alunos são levados a crer que a geografia é uma disciplina meramente descritiva e decorativa. Para que essa imagem equivocada seja desfeita é de suma importância refletir sobre o papel do professor para o desenvolvimento de uma formação crítica no aluno.

Ainda no que diz respeito ao papel do professor como o agente capaz de tornar o aluno um cidadão crítico, acreditamos que “A função do professor vai muito além do conhecimento de sua disciplina, pois assumimos um compromisso cada vez maior com os nossos educandos”. (Puntel, 2007, p. 90). Tomando como base a citação de Puntel, percebemos a importância que tem o professor, ele tem por obrigação se dar ao direito de sair de sua “zona de conforto” e despertar no discente a vontade de buscar conhecer e intervir em seu meio.

“Um professor de Geografia ensina quando ajuda o seu aluno a aprender e, portanto, a se transformar, e também quando permite que seus alunos transformem informação em conhecimento (SELBACH, 2010, p. 41)”. Dessa forma, um professor de Geografia não pode apenas repassar os conceitos geográficos aos seus alunos, mas ensiná-los como a geografia pode contribuir para que eles sejam capazes de analisar e interpretar o mundo, começando pelo lugar no qual estão inseridos.

A Geografia leva a reconhecer em cada lugar as *marcas* deixadas pelas várias dinâmicas e processos, tanto naturais quanto sociais. [...] entender essas transformações como resultantes do jogo político, conflito de interesses e poderes, e as possibilidades que cada grupo social dispõe, é de fundamental importância para que os alunos venham a entender os motivos que levam certos elementos espaciais a desaparecerem e outros a permanecerem por longo tempo no mesmo lugar (BUENO, 2011, p. 302).

Segundo a autora, a Geografia pode levar os alunos a conhecer a dinâmica do lugar no qual estão inseridos, quando se formou e em que condições se deram essa formação. A partir desses conhecimentos, o aluno terá capacidade não só de compreender como também estarão aptos a atuar em seu lugar.

Alguns professores ainda não se deram conta da importância, e da responsabilidade, que tem a geografia para possibilitar a formação de educandos em seres críticos e conhecedores dos problemas vivenciados pela sociedade contemporânea.

Segundo KAERCHER:

[...] A geografia não deve se restringir às aparências, ao visível [...] a geografia deve falar, sobretudo, das pessoas. São elas que com seu trabalho, modificam o espaço e os lugares. Riquezas, mapas, cidades e países são frutos do trabalho destas pessoas [...] (2003, p.173).

O processo de ensino-aprendizagem, principalmente quando se trata da Geografia, não pode estar restrito ao visível, alheio as questões sociais, dentre as quais seu corpo docente e discente fazem parte. Como afirma Gadotti “Ensinar nessa sociedade é *tarefa de partido*, isto é, não educa realmente aquele que ignora o momento em que vive aquele que pensa está alheio ao conflito que o cerca” (1979, p. 26).

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia, necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento (STRAFORINI, 2004, p.51).

Fazemos parte de uma sociedade que se encontra cada vez mais direcionada por “lógicas” políticas e de mercado, que se utilizam da mídia para conseguir seguidores fieis; seguidores estes, que muitas vezes não sabem sequer qual o seu verdadeiro propósito. Este é mais um desafio da Geografia: capacitar os alunos para receberem criticamente as informações que são repassadas pelos meios de comunicação, para que os mesmos não sejam seduzidos por suas belíssimas palavras. Ela precisa tornar-se um instrumento de libertação.

Na minha opinião, o geógrafo deve utilizar o seu potencial teórico, o domínio das técnicas modernas e o seu comprometimento [...] para dar uma contribuição positiva à solução dos problemas do país. Ciência é também política, e o cientista deve saber por que é utilizada, como é utilizada e em favor dos interesses de quem ela é utilizada (ANDRADE, 2010, p.13).

O sistema educacional como um todo não foi pensado por seus docentes e discentes, foi algo pensado por uma esfera maior. “Ele foi construído por cima, pelo Estado instrumentalizado pela burguesia [...]” (VISENTINI, 2010, p. 16). Sendo assim, pensar em uma educação que leve o aluno a conhecer seus direitos e deveres como cidadãos, requer um esforço maior, e por que não dizer coragem por parte do educador. Ainda segundo Visentini,

É preciso procurar a todo custo evitar o comodismo intelectual e a burocratização das relações sociais e educacionais é uma das mais importantes tarefas para que o ensino não apenas reproduza a as demandas para ampliação da modernidade, mas, principalmente, contribua para formar cidadãos mais ativos e críticos e com isso uma sociedade cada vez mais democrática [...] (2010, p. 26).

É imprescindível que o ensino de Geografia comece a despertar no aluno o desejo de se tornar percussor de um novo caminho. Alunos que sejam capazes de formar sua própria opinião e que jamais se contentam com um discurso pronto e acabado. Os currículos escolares, assim como os professores e os alunos precisam pensar a partir da ideia de que “A Geografia analisa o físico, mas o estudo do físico em si mesmo não tem sentido, ele só o terá se for considerado como dominado pelo homem e ligado a ideia de um espaço em que se exerce uma determinada cidadania” (PEREIRA, 2009, P. 27).

2 COMO A GEOGRAFIA PODE LEVAR O ALUNO A TRANSFORMAR O PENSAR EM FAZER?

“Não se trata de buscar responder o que vem antes e o que vem depois entre a ação e o pensamento. Na verdade, eles fazem parte de um mesmo e incessante movimento” (KIMURA, 2008, 47). Tanto o pensar como fazer devem andar em conjunto, nesse sentido ensinar geografia se atentando somente ao pensar deixaria o aluno deficiente, quanto ao seu papel. Quando o aluno começa a relacionar o que aprendeu com a sua realidade e a partir deste véis passar a interferir na mesma, o papel do *pensar-fazer* começa a acontecer. “De nada valem as palavras se a elas não estiver colada a corporeidade da ação” (CHAIGAR, 2007, P.77).

É que na medida em que o testemunho não é um gesto no ar, mais uma ação, um enfrentamento, com o mundo e com os homens, não é estático. É algo dinâmico que passa a fazer parte da totalidade do contexto da sociedade em que se deu. E daí em diante, já não para. (FREIRE, 2004, p, 176).

O olhar crítico surge do pensar mais aguçado, de ver os problemas que estão à sua volta, observar como o seu país, o seu estado e em escala menor de como a sua cidade encontra-se organizada. “O aluno precisa sair da sala de aula dizendo: “Não posso aceitar o esgotamento dos solos, quando a metade da superfície cultivável do planeta ainda está intacta e não e cultivada [...]” (WETTSTEIN, 2008, p. 125). Não posso ver os problemas da minha cidade e me omitir diante deles. É preciso plantar nos alunos a ideia do fazer acontecer.

Conhecimento não se limita a descrever e reconhecer as dinâmicas e transformações que levaram a construção do espaço. Vivemos em sociedade que prega cada vez mais a ideia

de liberdade, no entanto é uma liberdade controlada. “É uma sociedade, portanto, ‘em conflito’: conflito entre a liberdade e a opressão, entre o medo de gritar e a coragem de ser [...]” (GADOTTI,1979, p. 74). É o ser que está em questão, precisamos de alunos que são preparados para enfrentar os desafios de uma sociedade cada vez mais conflituosa.

Não podemos deixar de ressaltar que a formação de um aluno cidadão-critico, não depende única e exclusivamente da ação do professor, compreendemos que o professor tem sim um papel fundamental nessa formação, como o mediador dos questionamentos e das reflexões acerca do que se é posto e trabalhado nas salas de aula. Mas é do aluno também a responsabilidade de fazer com que essas lições não sejam apenas absorvidas e que não gerem nenhum retorno, ele não pode deixar que o conhecimento desenvolvido e em sua convivência diária fique confinado apenas no ambiente escolar.

Ensinar e aprender, tarefa diária de qualquer educador, aparentemente tão simples, porém tão complexa a efetivação dessa inteireza, que é o papel central da educação. Ensinar nos remete à construção de conhecimento. Sabe-se que o ensino só vai ter sentido quando for construído, e isso vai acontecer quando houver comprometimento por parte do educador, que precisa problematizar, questionar, provocar confrontar, e do educando, que precisa construir o que “eu”, como educador, desejo. E para o aluno desejar é necessário que as coisas que falamos e que trabalhamos em sala tenha sentido e significado para ele. (PUNTAL, 2007, p. 89).

3 CAMINHOS E/OU APONTAMENTOS QUE DESPERTEM O INTERESSE DOS ALUNOS PELA GEOGRAFIA

Como já destacamos a Geografia na conjuntura que se apresenta hoje na educação básica do país, é verdadeiramente considerada uma disciplina enfadonha e que não trás uma motivação para o discente estudá-la, mas então o que o ser docente pode fazer para despertar o interesse dos alunos para o estudo geográfico? O que fazer para tornar o seu conteúdo mais atrativo para o aluno? Farina e Guadagnin (2007, p. 111) destacam as atividades práticas e as aulas de campo “como um dos princípios fundamentais para o crescimento do interesse dos alunos e para o seu envolvimento com a construção do seu próprio conhecimento”.

Farina e Guadagnin ressaltam que a tarefa de despertar o aluno para o estudo geográfico não pode ser de exclusividade do professor. Ela deve ser feita com a ajuda de inúmeros fatores, embora a ideia que se perpassa é de que o professor tem incumbência só

para si. O que podemos perceber, no entanto, é que o docente sozinho não poderá fazer uma revolução no ensino. Mas que se utilizadas medidas que despertem mais a atenção do aluno, já seria um bom começo. Os próprios autores nos dão alternativas para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interessante para os jovens. Os autores consideram de suma importância a utilização de processos metodológicos que se aproximem da linguagem utilizada pelos discentes. Como por exemplo, o uso de filmes, músicas, e até mesmo poemas, como uma maneira de chamar o aluno a participar e interagir mais da aula.

Sair do ambiente escolar, por si só, gera um efeito geralmente positivo sobre o interesse dos alunos pelo conteúdo. Mas mais do que isso, atividades práticas fora do ambiente escolar são fundamentais no ensino de geografia, pois permitem ao professor a preposição de questões reais e de importância concreta para os alunos. (FARINA E GUADAGNIN2007, p. 111)

No geral Farina e Guadagnin refletem e põem como base para o despertar do interesse do aluno pela geografia. Eles precisam perceber como a ciência geográfica atua na prática, para que assim os alunos a façam uso em sua vida. Pois fica inconcebível a mera explicação de que a geografia está em tudo e que ela tem uma utilização em sua vida, sem que haja demonstração de como ela atua. E isso só pode ser feito quando saímos do âmbito escolar.

Para que o aluno consiga assimilar os conteúdos de Geografia, trazê-los para sua realidade é necessário para fazer com que o aluno se interesse pela disciplina. E, para isso faz-se necessário pensar em maneiras que consigam atrair o discente para fazer com que ele perceba a relação que existe entre o visível, aquilo que lhe é exposto e os processos que contribuiram para isso. No entanto, é preciso ir além, fazer esse aluno se sentir parte desse processo. Fazer com que ele entenda que suas ações são de fundamental importância para modificar o espaço. “E certamente, para quem quer transformar a realidade presente, esta é a escola, a educação e a geografia que queremos” (OLIVEIRA, 2008, p.144).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, podemos concluir que a Geografia tem um papel fundamental na missão de formar cidadãos capazes de compreender as diferentes formas de viver em

sociedade, pessoas que sejam conscientes, solidárias e, acima de tudo, que respeitem as diversidades sociais e culturais. Torna-se, portanto, responsável pela formação de um ser participante, ativo e construtor do meio em que vive.

Para isso é necessário que o professor tenha plena consciência do desafio que é ministrar aulas de Geografia. Aulas que levem o aluno a conhecer além daquilo que é visível, sejam as formas ou as ideologias. Aulas que permitam os alunos entenderem por que tais conteúdos precisam ser trabalhados. Compreendendo que eles podem sair das paredes da escola e fazer parte da realidade dos alunos. Para isso, é preciso procurar caminhos que despertem nos alunos a vontade de aprender geografia, de querer saber mais.

Atualmente a Geografia é fundamental para a formação do pensamento crítico dos seres humanos. Ela pode ser capaz de transformá-los em pessoas que veem a sociedade com lentes especiais, lentes de geógrafos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M, C. Trajetórias e compromissos da geografia brasileira. In: CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 09-13.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2006, p.43-61.

CHAIGAR, V. A. M. Nossas práticas, nossos desafios: um olhar por dentro de si. In: REGO, N., CASTROGIOVANNI, A. C., KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio**. São Paulo: Artmed, 2007.

BUENO, M.A. Geografia escolar e a ideia de lugar no currículo a partir da elaboração de mapas mentais. In: CALLAI, H. C. **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 295-314.

FARINA, B. C., GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elemento de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. In: REGO, N., CASTROGIOVANNI, A. C., KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio**. São Paulo: Artmed, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 38ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, M. **Educação e Poder**: teorias e práticas docentes. 10ª Ed. Santa Catarina: Cortez, 1979.

KAERCHER, Nestor André. Desafios e Utopias no Ensino de Geografia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.) **Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, Seção porto Alegre, 2003.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, M. L. T. Ensino de geografia na contemporaneidade: o uso de recursos didáticos na sua abordagem. In: **Anais...** 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia-Portalegre, 2009.

OLIVEIRA, A. U. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: _____. **Para onde vai o ensino de geografia?** 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, R. M. F. A. **Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna**. 4ª Ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

PUNTEL, G. A. Os Mistérios de Ensinar e Aprender Geografia. In: REGO, N., CASTROGIOVANNI, A. C., KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia práticas pedagógicas para o ensino médio**. São Paulo: Artmed, 2007.

REEFETTI, L. V. A construção conjunta do conhecimento em sala de aula – entre o espaço “é tudo e free” e a responsabilidade social. In: **Geografia: Práticas pedagógicas para o ensino médio**. REGO, N. CASTROGIOVANI, A. C. KAERCHER, N. A. (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 67-65.

SELBACH, S. (Org.) **Geografia e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: O desafio da totalidade – mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004.

VISENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumento de mediação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 14-33.

WETTSTEIN, G. O que se deveria ensinar hoje em geografia. In: OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 125-134.